

TÂNTRICA SANTINA FORJADA
EM SANGUE A SORTE
MACULADA
E UM HOMEM MORTO

De Thor Almada Eustáquio

TANTRICA SANTINA FORJADA EM SANGUE A SORTE IMACULADA
E UM HOME MORTO

Escrita especialmente para uma grande atriz que se recusou a fazer.

ATO 1 – ATO ÚNICO

Em local e tempo indefinidos.

A MULHER SOLISTA

Serenata é coisa que só se tem em poucas ocasiões, presente divino, de significado amoroso e honra infinita. Serenata é bem precioso, sinto eu o coração esvanecer devagar quando a lembrança revê os momentos de magia que vivi quando alguém de minha estima, como alguém a quem se precisa, com esse bem me presenteou. E este alguém de tão amado parecia estar ao meu lado, mesmo estando tão longe, embaixo da janela, cantava tão alegre e forte que sua voz encantada alcançava meu peito palpitante quando na estrofe mais abençoada, seu canto cansava e de emoção desafinava por um instante. Queria eu revê-lo e escutá-lo. Queria eu novamente deitar a cabeça sob o lençol quente com o ouvido a zumbir uma música de acalanto. Queria eu agora estar deitada no seu colo, ao invés deitada no travesseiro molhado com meu pranto:

(cantando)

“Querer deveras queria,

E nem sei se saberia lidar,

Com aquilo que a cabeça imagina

Um dia o peito alcançar

Um sentimento tão concreto

Seguro de ser real

Ao passo de ser tão puro

Que parece desmanchar
Parece mágico, por não haver outro igual
Querer deveras queria
E quando fecho meus olhos espero
A face eu refresco de leve
Com água e sal do meu pranto
E lembro que sonho é tão pouco
Quando se viveu o sonho um tanto
E não me atrevo
Apenas escrevo em poesia
Mas querer deveras queria”

Tive vários gatos em casa, brancos, ruivos e negros, saltitavam pelos móveis, corriam pelos bosques e passavam pelas frestas. Tive vários gatos, hoje não crio animais, tive muitos e hoje não tenho mais ânimo. Pois que gatos são como filhos e nem em toda fase da vida se tem tempo e desejo de ser mãe. Nunca tive, nem tenho, nem antes e muito menos agora. Bem como não quis ser mulher. Tive gatos, bichos que me fizeram companhia quando fui precisada de afeto, quando estive perto do lado escuro da minha alma.

(batem na porta)

Calma, senhor Adalberto, és homem, talvez seja santo, mas não por isso teria esse direito de bater em meus aposentos a essa hora. Falta de delicadeza, ainda que tenha seus atributos divinos. Nunca me viu prostrada em altares após o escurecer, muito menos na aurora invertida tenebrosa e sinistra da madrugada de Sertina. Estou certa que não poderia me ausentar por mais de uma semana e muito menos fugir sem ser vista, mal posso comprar utensílios domésticos sem ser oportunada por esses incrédulos todos, homens sem fé podem ser vistos em qualquer lugar. Quisera eu poder comprar meu azarão de pura raça e pular obstáculos, cavalgar por riachos e penhascos, refrescar-me em cataratas, ouvir o canto dos pássaros, os Ibirtis e louros-cantantes da minha mata atlântica vasta, quisera eu sentir novamente a emoção de cavalgar e ter o corpo arremessado contra o vento frio do sereno. Quero eu ouvir uma última serenata!

(toca uma campainha)

Cale-se Tobias, canalha estupefato que morde minhas orelhas como um demônio! Cale essa sua tumba dantesca, essa sanfona desafinada que me atormenta toda madrugada, a madrugada é sagrada Tobias! A madrugada é sagrada Adalberto! A madrugada é sagrada multidão desenganada, desenfreada, na balaustrada do muro de Berlim, no meu lustre de madre pérolas incandescente, eu estou louca pra comer um tantão de espinafre!

(gargalha) Eu sou uma heroína, uma amazona tresloucada pelas matas e morros, as matas e morros, as matas e morros, me matas e morro por ti!

(canta em extremo agudo)

“Salve-me, salve minha alma, salve-me

Corte-me punhos e dobras de amassos

Salve-me laços com o céu

Salve minhas tranças

Salve e alcance-me

Inalcançável que sou.”

Tudo em extremo decoro, um bordel imundo, um couro encardido e fedido á mijó de rato. Porque tive a má sorte de encontrar roupas e fotos jogadas pelo tapete do quarto? Todos os meus quadros, e jóias caras que guardei de antigos amantes insatisfeitos, fiz que pude para escondê-las, elas que nem sempre tão caras sempre me foram mui caras de afeto, sempre tive-as como tenho meus gatos, eu que sou mãe de minhas crias e meus pertences a quem pertenço de corpo e alma, porque agora tenho a má sorte de ver revirada a minha casa como vejo dia após dia o meu corpo virado, vidrado, o vigário me disse que sou mulher em fogo incessante, disse-me o pároco que sou devassa e o doutor julgou-me insana, eu afirmo e contradigo, sou eu mulher santa e por isso dou-me em fava com Adalberto, homem santo que curou-me as chagas e beijou-me em doses, durante 12 anos. As lembranças eu apago e cozinho em fogo brando. O frio só se percebe quando se sai pela rua afora, ou quando se encosta na fresta da porta, quando se abre a janela e quando se abre a alma. O santo tocou-me o corpo e salivou dentro de mim, então disse a ele que era mulher santa e fui abençoada com sua descrença, como fez o padre, o pároco, o doutor. Cantem um pouco pra mim, cantem que sou sereia, pintem um retrato bem bonito da minha vida regressa antes que eu mesmo esqueça e nunca volte pra onde estou, antes que me vá pra onde nunca estarei, antes que minha cabeça viva sem mim sem se dar conta. Cantem-me, cantem-me, cantem-me em ciranda, cantem-me em ciranda fresca das crianças anjas, arcanjas, amenas das cidades interioranas onde as crianças ainda são puras e rezam novenas, as velhas guiadas pelo

pastor da diocese. Cantem e que a cantoria nunca cesse, quero ouvir seus cantos, quero estar ao centro, meu cetro abençoando os homens santos e as velhas rezadeiras, carpideiras, cospideiras intermitentes, quero ser feliz apenas. Cantem ao meu louvor, cantem suas vozes belas, cantem!

(coro eclesiástico)

Cantem mais minhas crianças, cubram-me de coro, cubram-me com seus corpos-mantos, cubram-me por momentos vastos, pouco castos, lastros tamanhos de laços intactos. Cubram-me, cubram-me, cubram-me com seus cantos!

(coro eclesiástico mais forte)

Sou tonta, pomba branca em céu azul, cante meu sonho deixe que eu deite em berço imenso e úmido de cantos, banhos afrodisíacos tomei, toquei em chifres e dentes de monstros pré-históricos, sou mulher das cavernas, Atenas abençoou-meus dentes sábios!

(coro ainda mais forte)

Levem meu corpo! *(cai no chão desmaiada, chuva dourada cai no palco)*

(ainda no chão)

Lavem meu corpo. Lavem meu corpo. Lavem meu corpo. Lavem meu corpo. Lavem meu corpo. Lavem meu corpo. Lavem meu corpo. Lavem meu corpo. Lavem meu corpo. Lavem meu corpo.

(toca um trombone)

Tobias, querido, livre-me da dor. Sinto algo forte me comprimir o peito, como uma doença traiçoeira, livre-me disso. Eu sinto algo como uma pontada, como se uma lâmina afiada me rompesse a alma frágil, como se eu caísse ajoelhada frente o inimigo

impiedoso. Você já sentiu seus olhos fecharem de repente, lacrimejando pimenta. Fechando de repente, comprimem a cabeça, as veias saltam, o rosto molhado de pranto não sentimental, arde como pimenta. Tobias! Tobias! São apenas 2 tostões, nada que seja estrondoso, abusivo, e palpável, posso pagar dois tostões. Pagaria mais se tivesse certeza que isso me traria a paz que eu necessito. Ultimamente vivo correndo para o lado oposto á imagem que preguei na parede, até ando de costas quando me sinto ameaçada, ou cansada de andar no mesmo rumo dia após dia, dia após dia, dia pós dia, dia após dia, dia após dia, dia após dia, dia após dia, até uma santa cansa. Suei os dois litros de vinho que bebi em sua companhia, meus poros estão obstruídos por álcool. E sou impura por sua conta e risco.

Quase me esqueci, risque meu nome de seus papéis imundos, estes papéis que encontra em qualquer taberna poluída pelos fumos dos forasteiros, estas tabernas de tísicos e prostitutas que frequenta com tanto esmero e dedicação, tabernas dantescas, sinistras, encobertas de musgos, ao lado de cemitérios, as odeio! Por favor, retire meu nome de suas cartas depravadas, de seus poemas sem nexos, de suas prosas disléxicas, não sou musa de poeta bêbado. Esqueça meu sobrenome, desde os quinze anos não assino com meu nome de família, rompi meus laços, todos. As amarguras permanecem instaladas, guardadas nas lembranças que eu não ousaria expor, lembranças devem ser esquecidas. Sou mulher feita, feito minha avó. De resto nada sei, apenas retire as citações indevidas, cujas não teve autorização minha, nem agrado, nada. Não me sinto grata, apenas cansada de meu nome ter sido tantas vezes citado em vão. Retire, não seja um porco.

(Aplausos, ela faz sinal de silêncio. Uma coruja canta.)

Há dois dias eu escuto corujas. Mau presságio. Mau presságio. Mau presságio. Mau presságio.

Como da vez que pressenti a tragédia com Antonia e Antonieta. E como quando estive á beira da morte. E quando vi na minha frente o espírito encarnado de Elizabeth, a quem ainda devo desculpas. E quando senti o vento frio do desengano, quando estive longe de quem respeitava meus desenganos. Agora sim, me sinto desenganada. (*chora*)

(um telefone toca)

Um telefone toca. Eu devo secar meu pranto. Por favor, alguém me ceda um guardanapo. Estou quase desesperada agora.

(O telefone permanece tocando durante toda a cena. Ela parece não dar ouvidos.)

Ah santo Cristo, compadeça. Compadeça. Santo Cristo compadeça enquanto padeço solitária. Escreverei cartas sem destino, mais uma vez. (*apanha uma pena e um papel*)

“Minha Querida,

Peço que perdoe meus atos impensados, sou tola. Não quis cobrar-lhe os meus erros, você, quase tão bem quanto eu, sabe que não se sabe bem o que é viver quando se tem 16 anos. E ainda assim se vive. Lembra-se de tudo não? Como uma cicatriz ou um desenho feito sob a pele com agulha quente em definitivo, daqueles que não se apagam nem na hora da morte, e chegam a ficar cravados na própria alma. Desejo sorte a você, que sempre me protegeu, e quero reconciliar-me com seus filhos. Recordo daquele tempo que demorou tanto a passar quando vivido, mas que agora ultrapassado me parece ultra veloz. Os Ultrajes não esqueci, sou ressentida e magoada ainda. Mas finjo ser repleta de qualidades cristãs. E finjo bem. Perdoe-me os vícios de linguagem, estou ficando cada vez mais caquética como prevíamos na juventude. Hoje em dia só escuto meus próprios pensamentos e minha própria ladainha, como sabe, ou talvez nem saiba, me livre dos gatos.

Com amor, sua amada.”

Contei 5 baratas correndo o assoalho. Existem espões de todos os tipos, sangue frio. O que elas querem aqui, não percebem que estou cada vez mais decadente? Talvez seja isso mesmo o que procurem, dessa forma se aproveitam de minhas pequenas posses, de meu grande corpo estranho. Ainda há castanhas no armário inferior? As castanhas eu ainda conservo em minha cabeceira? De repente a memória se revela traiçoeira, uma lástima. Passeava por becos tenebrosos, de energia sinistra, isso quando era jovem e sem consciência de perigo. Hoje sou outra, não tenho tempo para perder minha vida, pouco me resta. E o restante é lixo.

Onde estão as jóias que guardei embaixo da cômoda?

(o telefone finalmente cessa)

Este silêncio quase me enlouquece.

Na janela alguém assobia meu nome. Por hora quase esqueço a razão da minha existência, quisera eu ter um memorando sobre meus feitos. Estaria pra sempre empalhada na memória de outrem, os transeuntes psicóticos que anseiam por qualquer lembrança da mulher santa.

Pedem-me bijuterias e colares de estirpe, pulseiras douradas de gosto duvidoso eu digo refinada: Larguem minha saia! Larguem a barra de minha saia! Os homens depravados tentam beijar meus lábios, enquanto minhas mãos castas guardam o tesouro nunca antes visto. Mentira cínica esta, depravada a mente crente de nada, cantem, cantem minhas flores mortas na janela, cantem meus brincos de porcelana chinesa, cantem minhas unhas feitas, cantem meu destino lacro.

(Uma luz pisca)

Trovoadas!

(piscam duas luzes)

Tormento, trovoadas!

(tudo escurece)

Virá do breu o “homemonstro” irrequieto de hálito quente e picante, costas largas e alargadores nos lábios. Virá do breu, do mistério da escuridão rumo á glória da depravação profana e quem se auto julga santa imaculada frente/rente os pecados mundanos imundos, o homem insano deplorável, esdrúxulo homem barro virá do escuro, o homem imutável o qual não se vê feição ou emoção ou desgostos, o qual não se percebe em meio a multidão, virá mostrando os dentes e as armas, sua armadura grotesca, dantesca, suja de lama e sangue dos inimigos mortos no campanal descampado, soem o raios, soem tambores de trovões e relâmpagos escureçam o céu pela cegueira causada á quem repara nas estrelas, a cegueira causada a quem bebe o néctar dos sonhos. És tântrico, és tântrico, és tântrico!

(A luz volta, ela está deitada no chão.)

De repente, novamente esvaneço no assoalho, manchando o cenário de um vermelho morto mal cheiroso, aquele velho ar de mofo dos porões das casas antigas, cujas rugas guardam também feridas dos antigos móveis inquilinos e seus fantasmas brancos cinzas espantosos, seus sinistros armários cheirando também a mofo, e as frutas passadas esquecidas na fruteira floral. Meu corpo desvanece quase morto, inerte ao vento frio e ás batidas na porta, desvio o olhar do corredor escuro e tento ver em minha volta, os animais empalhados dentro do armário, os tapetes sujos, a cadeira de perna quebrada.

Tento ver dentro de minha alma e suplico que ela volte antes eu me perca. Antes que eu vá e ela não esteja, ou que ela vá e não me encontre, ou que ela de vez me perca para nunca mais. Tento subir pelas paredes até o teto a fim de me esconder no lustre de vitrais, as luzes machucam os meus olhos e eu caio novamente, quase morta, ferida pela claridade que propus. Sou torta, agora vejo claro.

Pés em ponta, dedos equidistantes, distantes, a palma estufa e aponta o inferno, braços tesos e pernas esticadas, o abdômen completamente tensionado e os olhos assustados, a boca totalmente aberta, sobrancelhas arqueadas, o sopro. O suspiro. O magma da terra o inverno, as gotas de lágrimas tocando o orvalho, o tempo ruim me toca. E alguém bate na porta.

(batidas na porta)

Não, senhor, não volte a me habitar. Não volte a tomar-me sua, devolva-me. Corte-me os cabelos apenas as pontas e devolva-me tudo o que for resto de vida ou princípio de.

(batidas mais fortes)

Troque a fechadura o seu rosto gélido e seus olhos brancos me cortam a garganta seca, e meu urro mal se escuta por quem passa do outro lado da ponte, mas grito:

- ASAS!!!

- ASAS!!!

AGORA EU POSSO VER O SANGUE.

(batidas ainda mais fortes)

Toca trombeta!

(a trombeta toca)

E me expulsa!

(TOCA UMA ORQUESTRA)

Foi quando fui sequestrada pelos urubus malignos, aqueles sinistros bichos negros imensos esganiçados, com sua plumagem brutal e encardida, com seus bicolíneos afiados dantescos, eles sim me levaram ao abismo e arremessaram minhas malas, minhas *rupas* sagradas profanando meu futuro túmulo com roupas íntimas sujas, mantos brancos e minhas coroas de cristal quebradas ao confronto com as pedras. Estes são as panteras dos céus, os carneiros sem lei, estes são os orientais desumanos vindos de seus reinos distantes onde não há sinal de civilização. Eles então sobrevoaram meu crânio e do alto lançaram seu feitiço macabro digno de abutres do inferno, enviados do demônio que com o puro objetivo de cobrar-me dívida imposta pelo destino. Cobrem dele, o dono do tempo! Deixem-me sóbria e sombria lá com minhas lembranças, estas sim devem permanecer mortas! Vieram e levaram consigo todo o resto de pureza de minha alma indefesa e quieta, agora atormentada por um vulto ultrapassado, ultrapassado, ultra passado. Como seu eu fosse de isopor me apanharam pelos braços, com tamanha crueldade, feriram minha epiderme casta e alva tornado-a maculada e com sua ferina ruindade largaram-me rumo á queda. Jogaram-me sem pena, eles, aves pretas, jogaram-me sem pena alguma, apenas gargalharam na trajetória de volta ao inferno. Eu que antes ensaiava que subindo ao alto chegaria ao céu.

(toca a campainha)

Por sua culpa, sua exclusiva culpa, facínora sanguinário, incapaz de cantar-me uma serenata!

(batem na porta)

E sua total imperícia em camuflar-se, esconder-se, ser discreto como convinha a um amante, eu não sabia ser vítima de um cão de sua laia!

(o canto da coruja)

A minha saia agora roda rente ao chão, ainda antes fingia levar ao vento quente de minhas ancas, agora parece esmorecer ao vento frio que habita toda a extensão do meu corpo. O vestido fora tão mais belo com a bainha enfeitada! Tanto como eram meus cabelos, negros também brilhantes e dançantes, cujas pontas mal tocavam meus ombros e nem minhas costas curvas, e como uma medusa bela eu também enfeitava os transeuntes doentes e bêbados. Eu me pintava inteira, carmim cor de amor e pequena sombra púrpura translúcida para corar faces angelicais, quase sempre envergonhadas. Hoje apenas corro contra os uivos dilacerantes, apenas atendo ao chamado do meu nome pela boca mais sorrateira, cujo suspiro e sussurro me atraem como a uma raposa ao ver carne fresca, como ao pescador ao som da sereia aborígene. Tendo ao lapso, vez por outra, mas me ergo como ergui um dia a faca!

(gritos)

E ergueria quanto preciso fosse para que eu me reerguesse em seguida!

(batida na porta)

(Ela dança um rito indecifrável, acende velas e incensos, abre alçapões, cadeados, ela parece em transe.)

(enquanto dança)

Lacaios e subalternos me renderam honras e homenagens

Neste intuito também me visitou figura honrada e Mademoiselle

Quando o sino da igreja não apontava nem 11 horas da noite

E a lua mal ocupara posto no infinito reluzente

Me trouxe imagens de antigos imperadores mortos por envenenamento

E outras, como eu viúvas, chorando prostradas aos túmulos destes soberanos

Ainda outras seguravam a barra de seus vestidos caros

E mais outros apoiavam guarda-sóis aos ombros para lhes proteger da tormenta

Homens santos rezavam em memória destes coitados defuntos

E aves coloridas alimentavam suas crias em ninhos bifurcados

Disse-me Mademoiselle que eu também fora coitada temente

Eu também fora depressiva proponente e cuidadora dos infernos

E agora, também eu, merecia meu descanso sob o leito sagrado

Meu leite seria derramado, meu suor benzido como fora a água

E no futuro minha lágrima seria reconhecidamente casta

Clamou em meus pés, beijou-os, e ao levantar-se sussurrou em meus ouvidos

Palavras de boa ventura e gratidão

A emoção de sua face me tocou o peito latente

Eu era descrente e hoje acredito

Eu era atenta, hoje sou complacente

Perene que sou, tudo o que era é ultra passado

Por fim, me rendo

(a coruja canta)

A ave ainda gorjeia no infinito. Minha retina abre, sou quem ordena, abre insensata!

Eram murais sinistros aquilo que eu via.

Eram corvos, agora lembro seus nomes.

Eram abutres e criavam cães.

Mal consigo falar sobre esta lembrança. É mau passado.

Tanto estive estou a tanto tempo quanto tenho estado torto morto solto ao vento fraco
quieto tento entanto e sento calo o canto um pouco e rouco rezo atento ao fato de estar
cansado penso quase sempre um nada posto tal desgosto dado outrora o fado desconsolo
e a mão afaga o rosto choro triste e louco falo grito e rio e paro olho vidrado no retrato
branco e fosco sujo e mal cheiroso de guardado peço e quando lembro tenho como um
pressentimento tosco de um algo perigoso que vá dá errado juro como jura um
mentiroso e grosso esconjuro o mundo todo e desmorono a face como estou atordoado e
como fácil fosse prendo e o pescoço estica quando estica a haste e como é a arte e como
belo fosse vôo livre como se asa visse quando triste morto ainda corto o punho e de

roxo grito odiado o rito terminado limpo o que é passado e como trem desenfreado
passo

Já é domingo amanhecido. Penso eu que preciso repousar.

(o som de alguém sem ar)

Sobre como matei meu marido e meu amante:

Curti um pouco de açafrão misturado ao alho, azeite pouco, comprei cuminho vindo da Europa e canela da mulher negra, adociquei com mel e esquentei á fogo brando. Ao vir a galinha caipira, já assada, besuntei e colori como cobertura de bolo, novamente foi ao forno, não comi e soube que estava apetitosa. Me tranquei no lavabo e pude gargalhar em paz.

Quanto ao cavalo garanhão, ao homem másculo pouco discreto que esbanjava coices ás mulheres da ladeira baixa, aquelas cujos decotes insinuavam seu âmagô, também foi merecedor de meu tempero e meu desespero atormentou meu...

(toca a campainha)

Não largue meu braço nunca mais Tobias. Nunca mais toque meus lábios. Não quero mais te ver em meu horizonte. Nunca mais Adalberto, quisera poder ter te enforcado com meu manto escuro, aquele que em noite de núpcias acariciou as maçãs de teu rosto sujo de briga em tabacaria. Quis beijar-lhe também e guardar gosto da juventude na minha boca, mas só consegui arrancar-te parte da boca e gosto de sangue nunca mais sumiu de meu paladar. Arrancaste meus brincos, certa feita, te lembra? *(recebe um tapa no rosto e se ajoelha)* Também fui vítima de tua intransigência, teu espírito mesquinho,

teu hálito faminto eu quis também te magoar e quase pensei não puder por ser mulher, mas veja só, coisa dantesca, eu pude!

Eis que agora chegam teus comparsas, teus mandantes cabruncos enraivados querendo tomar parte da briga dos cônjuges, nada de dedos e mãos no meu rosto, eu não sou como aquelas ratazanas da ladeira empinada cujos bustos insinuam os seios, sou mulher santa segundo o testemunho do pároco.

Nada tenho a dizer sobre as injúrias dispensadas a mim em meu leito de morte, me seria útil que o céu fosse despejado feito trovoadas em todas as cabeças destampadas e que todos os arcanjos desavisados também caíssem juntamente com o clarão de águas, machucando as mães zelosas que ainda choram, e as tias solteiras que ainda rezam, e os homens da casa que nunca limpam o aposento que defecam. Quero estar só quando o dia esperado bater em minha porta me cobrando fiança para o sossego infinito. Quero ser cega e não ver que no meu ombro tocam harpas de desassossego, mãos doentes afagam meus cabelos e minhas faces são beijadas por leprosos profetas do fim. Quero ser surda quando vierem os trompetes e os avisos sonoros diversos tocando meus tímpanos e pedindo acolhida, quando quiserem de forma ou de outra me encontrar por conta dos desenganos, me acusando de facínora e sinistra como fiz com tantos bedéis e juízes, como cuspi no rosto de ciganos e cães de baixa estatura. Quero ser muda.

(a boca permanece falando sem se ouvir som)

Quando chegarem os promotores amargos pedindo explicações sobre o torto olhar do criminoso, sobre o sangue que escorreu e eu vi, sobre as suplicas de perdão que fingi não ver.

(volta a falar com som, a orquestra toca)

(O corpo teso, como se ela quisesse se libertar do próprio corpo através dos olhos, como se ela quisesse sair pelos olhos.)

Já me aconselhei com o meu pai. Não vou voltar palavra dada, nem ato consumado, está desfeito alma, nunca me rezaram missa, nunca me colheram flor, eu não arredo a decisão inscrita em ferro e fogo em carne e brasa a cicatriz está exposta em meu próprio rosto e o deus carnificina tomará partido do desordenado a partir do meu ato extravagante imenso inalado em fumaça de desinfetante e amônia que é o perfume dos *xantês*. Dantes foram homens, hoje macacos mordem uns aos outros em busca do tesouro inalcançável. Venham moços reluzentes de branco, venham á cavalo ou em carros manicômios, venham em seus novos automóveis movidos a álcool e ambição, venham tomar-me o espírito, pois já estou mesmo perdida em meio a tanta profanação de mim mesma, eu mesma já não me encontro mais, desativei-me e nunca, nunca me escreveram carta e nem dataram meus pedidos de socorro, nem sequer tomaram conhecimento dos crimes praticados nesta casa, dos quais eu fui vítima solista e agora pago eu também por estes desatinos do destino. Sou eu santa e profanada, antes doida hoje devedora e presa ao que é liberdade. Temo ainda o dia que não chegue e a luz que não clareie, temo é eternidade e o ponto que nunca se dá, temo o descortinar que não se apresenta e os aplausos que não findam e o eco que não cala e não esqueço não esqueço não esqueço do que volta vira e mexe e já foi a tanto que já sou outra nada e puro carma e puro poluição que me restou. É meu temor primeiro e único não mais saber do fim que já foi dado e esperar um sempre/nunca vindouro adeus do que já foi por mais vezes adiado e a despedida acompanhada de um abraço e a despedida acompanhada de um abraço e a despedida acompanhada de um abraço e a despedida acompanhada de um abraço e a despedida acompanhada de um abraço e a despedida acompanhada de um abraço e um peito sereno, um ato descompromissado de afeto e consolo, um acalanto

tão estimado e esperado por alguém necessitada um tanto de um tento um doce, afaga a mente e quente reluz um sorriso como quando ouve serenata inesperada.

Por quanto...

Serenata é coisa que só se tem em poucas ocasiões, presente divino, de significado amoroso e honra infinita. Serenata é bem precioso, sinto eu o coração esvanecer devagar quando a lembrança revê os momentos de magia que vivi quando alguém de minha estima, como alguém a quem se precisa, com esse bem me presenteou. E este alguém de tão amado parecia estar ao meu lado, mesmo estando tão longe, embaixo da janela, cantava tão alegre e forte que sua voz encantada alcançava meu peito palpitante quando na estrofe mais abençoada, seu canto cansava e de emoção desafinava por um instante. Queria eu revê-lo e escutá-lo. Queria eu novamente deitar a cabeça sob o lençol quente com o ouvido a zumbir uma música de acalanto. Queria eu agora estar deitada no seu colo, ao invés deitada no travesseiro molhado com meu pranto.

INICIO